DISCURSO DE SAUDAÇÃO A MARIA DA CONCEIÇÃO SOUSA

RAIMUNDO GIRÃO

Grande virtude é saber apurar e proclamar o verdadeiro mérito. O processo dessa apuração é muito subjetivo, oscilante, dificultoso, pois que varia ao sopro de fatores diversos. E o principal é a própria origem da escolha — a convicção de quem está com o dever da verificação. Cada qual de nós é uma convicção diferente, e isto resulta de que, assim como os nossos semblantes, não há, de rigor, coincidência ou igualdade na maneira de entendermos as pessoas, as coisas e os fatos.

Já os tão sábios romanos diziam: **quot capita tot sensus.** A pesagem do merecimento encerra delicado trabalho de confrontos dentro de nós mesmos: às vezes estamos pensando dum jeito e de logo começamos a pensar doutra forma, à medida que nos chegam novos elementos, pequenos até, a nos modificarem a decisão. Na mesma pessoa, no mesmo objeto, no idêntico fato encontramos, uns aquilo que denominamos mérito, enquanto outros o vêem sem esse atributo.

A oscilação, em muitos casos atinge determinado grau e noutros o grau oposto — o mérito ou o não-mérito, e entre esses extremos exsurge verdadeira gama de posições intermediárias: desde o não-mérito, do mais ou menos mérito, até chegar-se ao mérito indiscutível, aceito por todos ou pela maioria e, então, encontramos o mérito real, reconhecido na sua plenitude, quando as avaliações se fundem num só rumo.

Prezados ouvintes:

Estamos no recinto do **Instituto do Ceará**, que é, mais claramente o nosso Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico, destinado, na sua letra estatutária, ao cultivo e divulgação das nobres ciências da história, da geografia e da antropologia, com desdobramento para estudos das letras em geral. E desde a sua fundação, em 4 de março de 1887, as suas atividades específicas se caracterizam pela perseverança e lisura das pesquisas, pelo cuidado das conclusões e a superior austeridade de seus procedimentos dentro do formoso contexto da cultura mental deste nosso rincão, tão bem batizado de terra de sol, de terra da luz.

Esta seriedade de procedimento se adensa quando ele se vê na contingência de trazer alguém para a integração de seu quadro social, hoje composto de 40 membros. O cadinhamento é exigente e severo e, por isso, não erra, nunca errou — talvez com a minha exceção — na exata preferência do candidato a uma de suas cadeiras. Para aqui somente é aclamado quem, na verdade, apresenta ou representa aquele verdadeiro mérito axiomático, incontestável.

No correr dos tempos muitos já o foram: uns agora ausentes pela eterna ausência da morte, outros por motivo de transferência de domicílio, mas outros permanecem entregues à, para nós, infatigável missão de zelar pelos deveres que se nos põe aos olhos o estatuto da sociedade.

Basta o fato de penetrar, assim bem examinado, os umbrais desta mansão do saber para configurar, sem mancha de dúvida, o mérito puro de quem entrou.

Destaco, em face da natureza desta solenidade, que entre quantos formaram e formam o nosso elenco de sócios efetivos, quatro expressões femininas vieram dar-nos mais graça e entusiasmo, a nós os do outro sexo dos hipotéticos filhos de Adão: Júlia Carneiro Leão de Vasconcelos, Alba Baldez, Zélia Viana Camurça e a recipiendária de hoje, coincidentemente

todas diplomadas para o mister heróico, percalçoso e martírizante, de plasmar as mentes ainda informes de crianças e adolescentes. Conta-se que a certo Rei antigo foi apresentado para seu julgamento temido criminoso e não faltaram sugestões dos assessores reais quanto à punição daquele homem, lembrada até a pena máxima, a execução capital. Porém o reinante, após demorada reflexão, sentenciou que, para seu maior castigo, deveria o indigitado ser condenado ao sacrifício de ensinar e educar meninos...

Júlia Vasconcelos ensinou meninos e, depois se fez mestra da Escola Normal do Ceará, na qual se diplomara, ministrando aulas de história e geografia, com segurança e sapiência. Neste Instituto do Ceará veio suceder ao pai, o sócio fundador, Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, educador de várias gerações de jovens e meu professor na Faculdade de Direito do Ceará, onde ecoavam, qual uma sinfonia, as vibrações de suas lições ornadas de extraordinário poder oratório. Mais tarde, outro seu rebento estaria no convívio desta casa do Barão de Studart e de Pompeu Sobrinho — o filho Ábner Carneiro Leão de Vasconcelos, reluzente figura de saber jurídico, com assento no Tribunal de Justiça do Ceará e, depois, no Superior Tribunal Federal de Recursos.

Alba Valdez foi-nos outro exemplo de correção e assiduidade. Também professora de primeiras letras e posteriormente catedrática daquela Escola Normal, da qual saíra com o título da diplomação. Mulher de forte personalidade, vinda do sertão, enfrentou os embates da vida sempre altiva e corajosa e coube-lhe a extraordinária iniciativa de fundar, como fundou, e dela foi primeira presidente, a Liga Feminista Cearense, pioneira da atuação da mulher nas lides de nossa literatura. Escritora, jornalista, escreveu livros e encheu páginas dos jornais e revistas de nossa cidade e, por seus inequívocos valimentos intelectuais, soube honrar as entidades a que pertenceu — o Centro Literário, o Instituto do Ceará, a Academia Cearense de Letras e a Sociedade Cearense de Geografia e His-

tória. Quis-lhe eu de modo muito afetuoso, preso aos liames de seu inconfundível imã pessoal.

Zélia Camurça, professora igualmente, com os estudos básicos feitos no afamado Colégio Assumpton do Rio de Janeiro, forra-se de excepcionais conhecimentos relacionados com os estudos da personalidade humana, o homem como indivíduo e o homem como elo da complexa corrente da sua coletividade. É M. S. In Education, pela Universidade de Pennsilvania, E.U.A., professor titular de estudos aplicados, da Universidade Federal do Ceará e professor-adjunto do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará. As suas constantes permanências nos Centros Universitários Norte-Americanos tiram-na muito de nossa maior convivência, o que não nos magoa mais porque estamos a vê-la, vitoriosa, no desempenho de suas altas tarefas culturais, honrando ali o nome cearense.

A outra é a nossa recipiendária deste feliz momento.

— Querida Conceição — ou, mais protocolarmente, prof.ª Maria da Conceição Sousa:

Tenho em que esta festiva sessão aberta para colocá-la numa das poltronas do Instituto do Ceará não passa de uma formalidade, e a vida humana sempre se ateve a esse tipo de efetuação de atos mais expressivos, a solicitar mais florido aspecto e uma ressonância mais viva.

E o afirmo porque você — este é o tratamento dos meus velhos afetos — desde muitos anos já nos pertence, comungando conosco a hóstia de uma integração amistosa.

Ainda muito mocinha, com a sua forte miopia física, contrastando com a claridade dos olhos do seu espírito e a sua indeclinável disposição de servir, começou você a identificar-se conosco, dando conta plena do que lhe tocava executar como funcionária, notadamente no serviço de catalogação da nossa opulenta biblioteca, adotando os correspondentes sistemas mais modernos.

E, ao lado disso, dava-se você, de corpo e alma, à tarefa de Cireneu a ajudar o consócio Dolor Barreira, nosso jamais esquecido Dolor, na construção do majestoso edifício que se ergue, garboso, aos céus de nossa cultura literária — a **História da Literatura Cearense**, com os seus quatro substanciosos volumes publicados e o último não terminado pelo doloroso efeito de sua morte. Não houve jornal antigo, revista antiga, almanaque envelhecido que você não removesse, olhando-os através das grossas lentes de seus óculos, para de lá extrair tantos elementos pudessem ser utilizados pelo indormido historiador.

E este é quem o testemunha do modo mais sincero e expresso: "pois bem: todas essas pesquisas e indicações feitas com inteligência e marcante poder de observação pela prof.ª Maria da Conceição Sousa, que foi, em verdade, quem — arrostando corajosamente a **poeira dos arquivos** — me forneceu a maior parte do material com que pude, do melhor modo ao meu alcance, reconstituir o nosso passado literário. Foi, assim, a prestante auxiliar da biblioteca do Instituto verdadeira colaboradora num empreendimento que talvez não tivesse tido a fortuna que o coroou, não fosse essa cooperação, que a justiça manda confessar e reconhecer".

E, ao editar o 4.º volume, repetiu: "... Tudo isso, que nada representa, mas que é de eficiência decisiva em trabalhos dessa ordem, o fizemos por intermédio de D. Maria da Conceição Sousa, que não só reuniu a matéria-prima de que a compõe este 4.º volume, mas pôs à nossa disposição elementos não despeciendos com que nos habilitou no preparo do 5.º volume seguinte, de que breve cuidaremos. Foram, assim, inestimáveis o auxílio e a coadjuvação que dela recebemos, nos quais nunca arrefeceu ou descoroçoou, alimentando-nos e avigorando-nos — muito ao invés — essa coragem e esse entusiasmo com que acreditamos levar a feliz termo empreendimento de tal sorte".

Trabalhávamos, os do Instituto, você inclusive, aos impulsos animadores de nossas diligências e do nosso amor a ele, como que o elegendo um lídimo símbolo, junto à pessoa do presidente Tomás Pompeu Sobrinho, em cujo rosto nunca descobrimos qualquer gesto de amuo, de restrição, de discordância manifesta, sempre a infiltrar em nós os eflúvios de sua simplicidade cândida, de sua bondade de expressão e maneiras, a tornar-se-nos uma espécie de ídolo, não um ídolo criado pelas fantasias da imaginação e sim pela admiração e a estima que repontavam espontâneas dos nossos sentimentos, tocados pela humildade daquele homem tão raro neste planeta de enfatuados e vaidosos, que não passam de estátuas de latão encimando pedestal de barro. A sua vasta e profundamente enraizada cultura ele a escondia qual o mais encascado dos caramujos, porém a revelam, luminosa, os seus livros, os seus trabalhos incontáveis, versando mais especialmente a história, a geografia, a antropologia, a etnografia indígena, a telúrica nordestina, a sociologia. Parsifal Barroso, inspiradamente chama-lhe o **Doutor Máximo do Ceará**, e nem sei se o **sábio** Pompeu Sobrinho teria sido maior do que o **bom** Pompeu Sobrinho.

Já hoje, no seio desta quase centenária instituição, não são muitos os que estiveram ao seu lado e ao calor de sua personalidade insigne, desaparecido faz mais de três lustros, mas estes poucos darão, como eu, o testemunho da grandeza dalma e da sabedoria do nosso doutor maior.

Você mesmo, Conceição, opinou sobre ele com estas palavras: "era um grande introspectivo e deve ter recebido muita correspondência de grandes personalidades, mas nunca as levou ao nosso Instituto, e nem consentiu em publicá-las em nossa revista. Falava pouco e estudava muito. Bom. Simples. Sincero. Amigo. Era um ateu que não sabia blasfemar".

Porque sabíamos desta sua identificação afetiva e relembramos a sua perfeita conjunção conosco é que, por unanimidade, outorgamos a você, Conceição de Sousa, a honraria de

Amigo do Instituto do Ceará, criada pelo regimento especial de 20 de fevereiro de 1974.

— Meus senhores e minhas senhoras:

Quem é, em retrato mais de corpo inteiro, essa Conceição a quem estamos dando posse na cadeira n.º 27, vaga pelo falecimento do ilustre e saudoso presidente perpétuo, o médico General Carlos Studart Filho, que se dedicou a este Instituto como se fora outra morada sua.

Nasceu conceição nesta cidade de Fortaleza, filha de Cândido Procópio de Sousa, brioso e estimado oficial da Força Policial do Estado, e de Maria Luísa de Sousa, professora de longa carreira.

Diplomou-se em 11 de fevereiro de 1933, pela Escola Normal do Ceará e, sem demora, exerceu o magistério primário, mediante concurso, no Patronato de Nossa Senhora Auxiliadora, desta capital.

Por algum tempo, posta à disposição da justiça, prestou seus serviços no cartório da escrivania do crime e júri, de que meu pai era titular — o conhecido Escrivão Sousa Girão, de quem eu fora escrevente, e desde lá senti naquela jovem auxiliar o amor do trabalho e fizemo-nos amigos cordiais. Mais tarde, encontrar-nos-ia neste mesmo Instituto e aqui por doze anos nos entendemos, no dia a dia das nossas ocupações.

De 1933 a 1939, com a solicitude de sempre, ocupou funções nas diversas seções do Departamento de Educação do Estado, transformado posteriormente em Secretaria da Educação, tendo como chefes, sucessivamente sumidades pedagógicas, como Joaquim Moreira de Sousa, João Hipólito de Azevedo e Sá, João Perboyre e Silva e, àquela época, o Padre Helder Câmara, atual Arcebispo de Olinda e Recife.

De várias comissões técnicas de caráter educacional participou, decisivamente concorrendo para a criação da Associação das Bibliotecas do Ceará (A.B.C.), de que foi o primeiro presidente, e de 1959 a 1970 dirigiu com a desejada ordem e eficiência a Biblioteca Central da Universidade Federal do

Ceará, por ela implantada. A esta Universidade emprestou os seus valimentos e a sua dedicação em muitas comissões para as quais era designada.

E é de salientar, com a melhor ênfase, ter sido ela a pioneira dos estudos biblioteconômicos no Ceará, com atuação efetiva e completa na organização das demais bibliotecas da U.F.C., bem como a da Biblioteca Teixeira de Freitas da Fundação I.B.G.E., da Biblioteca do Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU), da Biblioteca da Escola Normal e das Bibliotecas Particulares de Perboyre e Silva, Dolor Barreira, Raimundo Girão, Cláudio Martins, Casa de Juvenal Galeno e Colégio Militar do Ceará.

Pode dizer-se que em Biblioteconomia, no nosso Estado, ninguém a ela se avantaja. É uma obstinada no aperfeiçoar o conhecimento desta ciência-arte, e neste particular, como bem escreveu Milton Dias, numa de suas saborosas crônicas do Jornal O POVO, é uma apaixonada por livros e não sabe negar a sua ajuda a quem se aproxima dela, é a quem realmente precisa de seu apoio de tão grande valia intelectual e humana".

As preocupações da biblioteconomia arrastaram-na a outra atividade, igualmente imprescindível à boa difusão do valor de nossos escritores. Desceu, ou melhor, subiu para os terrenos da bibliografia, e não tardou em entregar à publicidade os seus **Estudos Bibliográficos Cearenses** (Imprensa Universitária, 1973, 134 p.). A primeira obra deste gênero em nosso meio cultural, sem favor indispensável aos estudiosos da nossa evolução livresca.

J. Figueiredo Filho, lá do Crato, não hesitou em manifestar-se neste registro meio desabafo: "Em **Estudos Bibliográficos Cearenses** desfilam os escritores interioranos, portadores de cultura bebida na fonte inesgotável e telúrica. Vive (a autora) a estudar o que é nosso sem preconceitos dessa falsa superioridade de quem vive no litoral, como se os livros e pesquisas dos grandes centros fossem di-

versos daqueles que estudamos através de páginas de escritores universais, e em contato com a experiência multi-secular da população sertaneja. Revive também outros cearenses, que estavam mais ou menos esquecidos, fazendo-lhes inteira justiça. Conceição tem muita experiência no convívio com as letras e os letrados, mercê de sua profissão, abraçada com entusiasmo. Divide o livro em várias seções para o estudo mais aprimorado do movimento intelectual cearense. Em múltiplos setores de atividade. Não sou crítico literário, apenas leitor. Os livros não são feitos para críticos, imbuidos de várias escolas. Quem os lê, melhor pode apreciá-los, porque são destinados ao público ledor".

Com a necessária paciência, o indispensável método e a sua reconhecida probidade, levantou as bibliografias, completas, do prof. Francisco Alves de Andrade, do dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora, do Gen. Carlos Studart Filho, do Mestre Pompeu Sobrinho, do Prof. Dolor Barreira, assim como o catálogo analítico dos assuntos contidos na REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ (1887-1951), os índices alfabéticos, onomásticos, didascálicos e remissivos dos 1.º e 2.º volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE, de Dolor Barreira, e da HISTÓRIA DE SOBRAL, de D. José Tupinambá da Frota, o índice dos assuntos e autores da Revista ITAYTERA, do Instituto Cultural do Cariri, e o Estudo Histórico-Bibliográfico da Revista VALOR, de Fortaleza, dirigida, mas já extinta pelo nosso confrade eminente, o reitor Antônio Martins Filho.

É numerosa a relação de seus artigos e ensaios figurantes nas folhas dos nossos periódicos, e enumerá-los seria alongar muito estas minhas palavras de saudação à querida recipiendária, portadora de não poucos elogios de pessoas e entidades e da medalha do mérito cultural, outorgada pelo Conselho Universitário da U.F.C., o que se vale consagradora premiação.

— Minhas senhoras e meus senhores:

Será truismo dizer que o mundo cada vez mais progride e se lucra das invenções, descobertas e criações da ciência e da técnica. Mas tudo isso o transforma, ao mundo, numa inquietação universal, em que o homem se vê cada dia mais longe do homem, num artificialismo desnorteante. E teremos que forçosamente pautar a nossa existência às imperativas circunstâncias novas, aos conceitos novos, à irresistíveis necessidades vitais novas. Ou nos adaptamos ou entraremos na confusa região dos fracassos e frustrações, das distorções e das incoerências.

Li e achei interessantes e adequadas estas palavras do nosso consócio e líder católico Arruda Furtado, no seu discurso de saudação ao sócio entrante o jovem culto Dr. Eduardo Bezerra Neto: "Realmente, quando se vê o cinismo diplomático presidindo às relações entre os povos; quando se vê a moralidade doméstica e pública descer a níveis de época de decadência quando se prega a prática em muitos países de sistema econômico que é mero engodo para facilitar a sufocação das legítimas liberdades; quando a justiça se torna unilateral pela outorga de direitos sem a exigência dos deveres correspondentes; quando se deturpa a chamada "Opção pelo pobre" para se pregar a luta de classes, e estimular-se a violênno recinto dos próprios templos; quando se vêem não poucos afrontarem a miséria, com a ostentação do luxo improdutivo, esquecidos de que o supéfluo pertence ao pobre, na lição de Leão XIII, ao invés de investirem na criação de mais empregos, e se vê, como disse, a reivindicação de direitos de operários sem a preocupação dos deveres que lhes incumbem, tudo isso sem que haja alguém a chamar uns e outros à realidade da justiça social; quando se visualiza um quadro, que a todos deixa perplexos é confortador abrigar-se em casa como esta, na qual, entre outros estudos, se cuida de examinar a vida do passado, para a verificação de erros que devem ser evitados e para apontar acertos e virtudes que se devem apregoar".

Com efeito, este Instituto, se não pode ser o abrigo salvador das bombas do futuro destruidor, não se pode ocultar que é um sítio do domínio do pensamento construtivo, da esperança de que o seu trabalho cultural é salutar àqueles que somente se animam da intenção, do desejo, da vontade voltados, pelo estudo e as lucubrações calmas, para a tão ansiada felicidade humana, aspiração de toda pessoa que pensa em Deus e em Deus ainda confia.

— Estimada Conceição: venha ajudar-nos mais ainda, dora para a frente, nesse empenho de manter este Instituto de 1887 íntegro nas suas altas finalidades pelo futuro afora. Encorage-se, encorage-nos, e seja bem-vinda.

(*) Pronunciado a 20 de agosto de 1982.